

SALOMON, Marlon. **As correspondências**: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

### **As cartas de imigrantes alemães: mesmas fontes e novas abordagens**

No livro ora resenhado, Marlon Salomon, professor da Universidade Federal de Goiás, com pós-doutorado na mesma instituição e doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina, se propõe a fazer uma história das práticas de escrita, tomando como fonte cartas privadas de emigrados alemães para o Vale do Itajaí, no período que vai da segunda metade do século XIX até o início do século XX. O autor propõe sobre esses documentos, tão utilizados por historiadores, uma nova perspectiva de interpretação que considere também essas práticas, importantes também quando se quer trabalhar com esses documentos como fonte de informação.

No primeiro dos três capítulos de sua obra, Salomon chama atenção para duas características, ou efeitos, dessas correspondências: a primeira é a supressão do espaço e a segunda, o exercício da individualidade.

A sensação de supressão do espaço é sentida tanto por quem escrevia como por quem recebia a correspondência. Durante o ato da escrita, é como se o escritor estivesse diante de sua família e, efetivamente nesse período, torna-se comum nas mesas de escrever a presença de retratos da família vigiando o autor das correspondências. Era a afirmação de pertencimento a uma família, por isso as cartas diminuía à medida que o indivíduo ia constituindo sua família na colônia, e se mantinham em quantidade maior quando o imigrante já vinha com parte da família.

Por outro lado, a escrita, se analisada no momento de sua constituição, é um exercício de individualidade, pois realiza-se em um ambiente da maior privacidade possível; é um exercício do espaço privado. A escrita é, necessariamente, um momento de refúgio, de afastamento do mundo circundante, é o momento de organizar os pensamentos sobre esse mundo, é, sobretudo, um momento consigo mesmo.

Salomon trabalha com duas séries distintas de correspondências: a analisada no capítulo I é de cartas privadas não publicadas, e no capítulo III a análise é de correspondências privadas que foram publicadas. O segundo capítulo se ocupa do que o autor classifica como um subgrupo dentro do primeiro, de cartas usadas como provas em processos de divórcio.



Especificamente, Salomon debruça-se sobre o processo de divórcio de um comerciante de livros que administra sua empresa da Alemanha, enquanto a esposa fica no Brasil. Por meio das cartas da filha do casal, que escreve para o pai, o autor busca analisá-las focando o momento de sua confecção. A primeira questão levantada é sobre o direito de violação da correspondência dos filhos por parte dos pais. Essa questão, nesse caso, é superada através de uma estratégia que envolvia um amigo do pai da menina: as cartas eram enviadas a ele, que entregava à menina para que a mãe não as lesse.

A outra questão suscitada é a da utilização dessas cartas como provas no processo. Elas eram traduzidas para o português, tinham uma padronização de seu formato e eram lidas pelo juiz, que fazia suas anotações no canto da folha de papel pautado. As próprias cartas, que tinham um destino específico, o pai ou a menina, ao serem lidas por esse juiz em busca de provas para o julgamento, acabam tendo uma função muito diversa daquela para a qual haviam sido pensadas. O autor toma a situação como exemplo para o “despertencimento” do texto, uma vez que, após escrito, este não pertence mais ao seu autor e estará sujeito à interpretação de seu leitor. Nesse caso, as cartas também deixam de pertencer materialmente ao receptor, pois são anexadas como prova às folhas do processo.

No terceiro capítulo de sua obra, Salomon analisa algumas correspondências privadas, mas que foram publicadas como propaganda em favor da migração para o Sul do país. Para o autor, há uma distinção entre as cartas publicadas até o final do século XIX e as publicadas no início do século XX. Nas primeiras, a preocupação dos imigrantes é narrar a verdade, em oposição ao que era publicado. Nos termos do autor, era a oposição entre as imagens e o real, este tornado mais real após a migração. Havia uma grande crença no poder descritivo dos textos para mostrar o real. Nos textos do início do século passado, essa oposição desaparece aos poucos. As narrativas agora se propõem a apresentar imagens, como pinturas da realidade, não buscam mais expressar o real de forma completa.

Nas suas conclusões, Salomon resume o que deve ser o sentimento de vários leitores ao terminar de ler a sua obra, que parece não se aprofundar em um problema específico. O próprio autor se explica: seu objetivo não era escrever uma tese, e sim criar aberturas que criem espaço para novos trabalhos. Em suas palavras, o livro é como a própria história: “sempre uma narrativa arborescente, que procura partir de um começo em direção a um fim, mas definitivamente não há nesta história – se é que podemos assim chamá-la – nem um começo e nem um fim, há apenas um meio que cresce, e nada mais”<sup>1</sup>. Trata-se de um livro

---

<sup>1</sup> SALOMON, Marlon. **As correspondências**: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí.



que abre uma série de possibilidades de pesquisas; é, sobretudo, um convite a novas pesquisas.

Usando uma expressão do autor, é um livro que mostra “várias aberturas”. Poderíamos acrescentar que essas aberturas, como aberturas em uma floresta fechada, parecem ir sempre tão próximas de seu começo, que instigam o leitor a aprofundá-las. Nesse sentido, o texto tem um aspecto, ao mesmo tempo, decepcionante e desafiador. Decepcionante porque o autor lança muitas perguntas, muitas possibilidades, e não as responde. Por outro lado, esse mesmo aspecto pode ser tomado – e acredito que seja esta a intenção do autor – como um convite a novas pesquisas.

Héverton Malagoli da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

[heverton@grad.ufsc.br](mailto:heverton@grad.ufsc.br)

